

## 1 INTRODUÇÃO

Este artigo discorre sobre a ética da finalidade tendo sido elaborado a partir do livro I da obra “Ética a Nicômaco”, de Aristóteles.

Sobre a vida e obra do autor, Aristóteles (2017) foi discípulo do grande filósofo Platão, ingressou na sua Academia, em Atenas, aos 18 anos, primeiro como aluno depois como colaborador. Estudioso, Aristóteles aprendeu com o ensinamento do seu mestre, depois da morte de Platão, como não foi indicado como seu sucessor, deixou Atenas. Aristóteles foi professor de Alexandre, o Grande, considerado o maior filósofo da Grécia antiga, chamado por Aquino de “O filósofo”.

Conhecendo o mundo em que Aristóteles (2017) está inserido, em seguida pode-se tratar do tema aqui estudado. Observa-se, que o modo como a ética é desenvolvida pelos filósofos, Aristóteles, Kant e, por último, Mill, apresenta diferença que passaremos a discorrer.

Aristóteles (2017) desenvolveu a ética da virtude ou ética da finalidade ou finalista, objeto de estudo deste trabalho, já Kant (2003) desenvolveu a ética normativa e, por fim, Mill (2005) expôs a ética do resultado ou a ética utilitarista. Os três campos da ética referidos são conhecidos como triângulo da ética ou triângulo da filosofia, nesse triângulo de três pontas temos em cada ponta a pessoa, a ação e o resultado da ação, respectivamente. Na ética da virtude de Aristóteles (2017) a preocupação esta centrada na pessoa que vai realizar a ação, nos aspectos importantes da sua conduta na busca da felicidade, enquanto que a ética normativa de Kant (2003) esta focada na causa da ação, naquelas causas puras que parte de uma boa vontade, naquelas ações que sejam ações moralmente boas nos termos do comando moral, então, o agir ético é aquele comportamento que faz o bem, independente das suas inclinações morais e, finalmente, a ética utilitarista de Mill (2005) se concentra no resultado da ação, de modo que o agir ético é aquela ação que promove a maior felicidade para o maior número de pessoas, nesse sentido age moralmente.

Aristóteles (2017) adota uma concepção diferente do agir moral, do que se entende por bem, de maneira que não basta fazer o que é certo momentaneamente, então, na ética Aristotélica, o agir moral instantaneamente não é possível, porque na ética da virtude as pessoas precisam desenvolver ao longo da vida uma série de virtudes. De maneira que a virtude não se desenvolve no curto prazo, sua evolução dá-se ao longo de uma vida inteira, significa dizer que o ser humano como ser moral, seu agir moral dá-se a partir da construção de uma vida inteira da prática da virtude.

Aristóteles (2017) pensa que o indivíduo que começa a exercitar o bem no momento presente, ainda não é um ser virtuoso, isso porque o ser humano ainda está lutando contra sua tendência natural para o mal. A virtude só é possível, o ser humano só será virtuoso a partir de uma vida inteira de imitação, de uma vida de prática e de exercício da virtude. A partir desse exercício prático o ser humano passa a ser virtuoso, considerado um ser humano moral.

Para Aristóteles (2017) uma pessoa no começo da vida ainda não desenvolveu a virtude. O indivíduo nasce com uma tendência natural para o mal, para os dois extremos, o excesso e a falta, de modo que precisa lutar contra essa tendência para tender ao bem. A pessoa é virtuosa quando não precisa mais lutar contra o mal, contra os dois vícios, isso acontece com o tempo fazendo o bem, de tanto fazer o bem, essa conduta se torna automática, se torna uma conduta que não depende tanto da vontade, o caráter já tende para esse lado.

Porque ética da finalidade? Aristóteles (2017) dedica o livro I ao bem, apontando que toda arte e toda investigação, tal como toda ação e toda a escolha, tencionam a um bem qualquer, razão pela qual o bem é aquilo a que se pretende o fim último das ações. A ética em Aristóteles (2017, p. 17) é voltada aos fins, de maneira que as pessoas sempre agem de modo tal sempre procurando algo, sempre objetivando alcançar alguma coisa e o que é essa coisa? Essa resposta será trabalhada ao longo do marco teórico aqui estudado.

A partir da ideia de finalidade que o homem busca alcançar, o autor desenvolve uma teoria ética que será lida a partir da ideia de virtude. A virtude está ligada ao comportamento do indivíduo, razão pela qual a ética da virtude se concentrará no agente que pratica a ação, no seu dever de agir e de se comportar de modo tal para alcançar a felicidade, interessa saber como o agente se comporta, como ele é e qual seu caráter, portanto.

Na tentativa de explicar o argumento teleológico, a partir da ideia de fins, bens e sumo bem, Aristóteles diz que existe muitas coisas que queremos, de modo que o ser humano age buscando um fim, sendo que o bem encontrado se converte no futuro em meio para alcançar novo fim. Em outras palavras, aquele fim que em algum momento foi o bem desejado, com sua realização será convertido em meio para uma nova finalidade, significa que o querer não tem fim, percebe-se que isso será um ciclo que se repetirá ao longo da vida.

Para que essa perspectiva não caminhe ao infinito, existe um sumo bem (bem supremo, bem soberano) aquele que se busca alcançar no final e que a partir dele não há outro bem. O sumo bem não pode ser instrumentalizado, de maneira a se tornar um caminho, uma forma de meio para alcançar outro fim que não seja ele mesmo.

Portanto, há um fim para o qual todos os outros são meios, este fim é o bem supremo, ou seja, existe uma coisa que nós queremos por ela mesma, uma coisa que seja um

bem tão elevado, que ele nos contenta, chamado de sumo bem, a saber: “Se dentre as coisas a serem feitas existe precisamente um fim que desejamos por ele mesmo, e senão por causa dele, e se não desejamos tudo tendo em vista outra coisa (pois se progride assim até o infinito, por conseguinte o desejo seria vazio e inútil) é evidente que esse fim seria o bem, o bem supremo [...]” (ARISTÓTELES, 2017, p. 17).

Ademais, o autor segue afirmando que as ações visam um fim que almejamos por si mesmo e tudo o mais é acrescentado em razão dele, inegavelmente que tal finalidade deve ser o bem, mas não é qualquer bem, mas aquele que está acima de qualquer bem, o bem supremo. Assim, todo ser humano tem uma finalidade, o bem, e o seu desejo maior encontra-se na sua realização, de modo que é possível afirmar que não existe o mal como fim de uma ação, porque o mal representa a privação do bem.

Porque o homem age buscando bens? Porque os fins são mais importantes que os meios nesse caminho. A felicidade, como objetivo que se quer alcançar é mais importante que o trajeto, de modo que o trajeto perde importância em relação ao fim, quando o fim se transforma em trajeto para outro fim, tornando-se menos importante para o novo fim. A ideia é no sentido que buscamos fins, isso porque vemos valores para os fins, objetivamos esses fins porque são valorosos para o indivíduo.

É natural, faz parte da essência humana, direcionar sua ação na busca da felicidade, de modo que a finalidade da ação humana é ser feliz, só fazemos o que queremos de modo que o que queremos é ser feliz.

Em resumo, para Aristóteles (2017) a felicidade é algo autônomo e absoluto. É absoluto porque é boa em si mesmo, não depende de outros fatores para ser considerado bom e, ainda, não é procurada para alcançar outras coisas. A felicidade é um fim em si mesmo, de modo que não pode ser usada para alcançar outras coisas, por isso é absoluta e autônoma porque depende só do indivíduo, de como executa o projeto de felicidade, isto é, o sumo bem é autônomo porque é possível ser buscado por cada um sem depender de outros.

A metodologia empregada no presente artigo é que permite toda a análise do que se propõe. Tomou-se como base para esta fundamentação resultados da revisão bibliográfica sobre o assunto, em particular o livro I da obra “Ética a Nicômaco”, de Aristóteles, sobre a qual se aplicou o método hermenêutico, considerando que se visa analisar a “Ética a Nicômaco”, de Aristóteles.

O artigo está dividido em quatro partes. No item dois, será analisada a felicidade como sendo o sumo bem, no item três, buscará responder o que é a virtude, pois o ser humano torna-se virtuoso no momento em que não precisa mais lutar para fazer o que é bom, age de

maneira automática, o organismo já responde assim, o caráter já vai tender para isso. No item quatro, tratará das virtudes: coragem, temperança e magnificência e, finalmente, concluindo-se que a felicidade é o fim que todo homem busca alcançar, por ser um bem autossuficiente, o fim último que todos os homens desejam.

## **2 A FELICIDADE É O SUMO BEM**

A felicidade é o bem supremo, aquele bem em si. O que fundamenta a boa ação humana é a busca da felicidade, sendo os demais bens os meios necessários para alcançarmos o bem soberano, a felicidade.

No início do livro I, Aristóteles (2017, p. 19), desenvolve alguns argumentos para dizer que o sumo bem é a felicidade. O autor parece concordar com o argumento popular que entende o sumo bem é aquele que se busca alcançar no fim, aquele que não pode servir de meio para atingir outros bens, é a felicidade. Tal argumento aceito e adotado pelo autor é um argumento social, aquele argumento popular segundo o qual a maioria das pessoas parece concordar que o sumo bem é a felicidade. Entretanto, não existe consenso entre os homens comuns e os sábios no que seja a felicidade, isto é, não existe entendimento entre os indivíduos sobre o conteúdo da felicidade. Entendem que a felicidade seria algo evidente e claro, a exemplo do prazer, da riqueza e da honra (ARISTÓTELES, 2017, p. 20).

Aristóteles (2017) não nega o prazer, a riqueza e a honra, como bens necessários para uma vida feliz, contudo tentará traçar uma série de argumentos para dizer que esses bens não podem ser o sumo bem, reforçando o fato de que a felicidade é o bem que se busca, entendimento acertado, embora divergente quanto ao conteúdo da felicidade. Inicia dizendo que a felicidade é autônomo e absoluto, são características que não estão presentes na ideia de prazer, honra e riqueza, porque eles são sempre vistos como meios para outras coisas são as razões pelas quais não podem ser a felicidade.

Por certo que a felicidade não é a realização de prazeres (ideia carnal), Aristóteles (2017, p. 21) não concorda com essa prática, por compreender que os prazeres não se coadunam com a ideia de felicidade, mas com a ideia de viver como escravos, porque torna o indivíduo escravo de uma condição que não consegue domar, simplesmente não está sendo feliz, porque está repetindo uma coisa que não se traduz em felicidade. Assim, os menos intelectuais podem pensar que a felicidade pode ser os prazeres. Por certo, a maioria dos homens se assemelha aos escravos, optam por uma vida “bestial”, contudo essa forma de

pensar encontra fundamento em razão de um grande número de pessoas bem colocadas comungarem do gosto de Sardanapalo<sup>1</sup>.

Nesse sentido, Mill (2005), na sua teoria utilitarista incluiu com louvor a qualidade dos prazeres, os prazeres superiores recebem maior importância do que outros prazeres, devido à sua natureza, são prazeres que nem todos os homens participam igualmente e, ainda, excluindo os animais, estão ligados aos prazeres do intelecto (dependem do desenvolvimento do intelecto, de modo que cada um desenvolve o intelecto de modo diferente), da imaginação, do sentido, da emoção, dos sentimentos morais, da ação voltada para a moral, os quais tornam as pessoas mais felizes. Para Amado (2010, p. 42) “qualquer destes prazeres terá mais valor e fará pessoas mais felizes do que a maior quantidade imaginável de prazeres inferiores”. Os prazeres inferiores (apetites animais ou desejos animais) são aqueles prazeres mais elementares, são aquelas ações voltadas para os prazeres corporais, a comida (agrada o paladar), a música (agrada a audição), esses prazeres os homens em geral participam dele e, também, muitos animais. Os prazeres superiores são preferíveis aos inferiores.

Para Mill, os prazeres do espírito são mais importantes, como o pensamento, sentimento e imaginação. A qualidade do prazer que é relevante e decisiva, razão pela qual o autor sustenta que “[...] É melhor ser um ser humano insatisfeito do que um porco satisfeito; é melhor ser “Sócrates insatisfeito do que um tolo satisfeito”. Isso porque Sócrates prefere os prazeres elevados, enquanto que o tolo só é capaz de prazeres baixos, o que limita sua vida sem qualidade” (MILL, 2005, p. 51). Nesse sentido, a felicidade está ligada aos prazeres superiores, “para uma pessoa ser feliz, precisa desenvolver seus talentos, refinar seus gostos e cultivar vínculos sociais” (AMADO, 2010, p. 45).

E, ainda, a vida de honra, para Aristóteles (2017) não pode ser a felicidade, porque o homem para ser honrado depende de outros indivíduos, de modo que fica sempre na expectativa do outro. Nesse sentido, as pessoas mais inteligentes e cultas da sociedade achavam que ser feliz seria ter uma vida de honra, o que tem implicação para a vida inteira. Significa, que até na morte tem que ser honrado, assim, a ideia de honra acompanhava a vida inteira do indivíduo, condição que dependia dos seus atos e de como as pessoas recebiam e interpretavam esses atos.

Já a vida destinada a auferir dinheiro mantém certa intimidação, Aristóteles (2017) descarta a riqueza como bem procurado, em que pese ser algo útil e almejado para o alcance de outra coisa. A riqueza nunca pode assumir a forma de felicidade, enquanto que o prazer e a

---

<sup>1</sup> Era um rei mítico da Assíria. (N. do E.), p. 21.

honra podem ser o fim (não o sumo bem), a riqueza nem bem pode ser, isso porque ela sempre será algo para o alcance de um fim, por ser sempre o meio para alcançar um bem, por essa razão o autor condena a buscar a riqueza só por dinheiro.

Na obra “Desenvolvimento como Liberdade”, Sen (2000, p. 27) é questionado por Maytreeye, a respeito da imortalidade se, caso “o mundo inteiro, repleto de riquezas” pertencesse só a ela, tornando-se muito rica, isso levaria a sua imortalidade? A resposta de Sen é negativa, a riqueza não traz a imortalidade, o que a riqueza permite é tornar uma pessoa rica, de modo que “a sua vida seria como a vida das pessoas ricas”. Maytreeye inconformada com essa resposta lança um desabafo dizendo: “De que me serve isso, se não me torna imortal?” (SEN, 2000, p. 27).

A partir dessa premissa, Sen (2000) inicia sua pesquisa a respeito do processo de desenvolvimento como liberdade. O autor se questiona: “[...] Em que medida a riqueza ajudaria a obter aquilo que os seres humanos desejam?”, ou seja, em que medida a riqueza é o meio para a realização das coisas que os seres humanos desejam ou razoavelmente podem desejar (SEN, 2000, p. 27).

Para Sen (2000), essa questão traz consigo um aspecto que está ligada diretamente à economia e à forma pela qual se compreende a natureza do desenvolvimento. De modo que viver para sempre não é o foco a ser alcançado, mas “a possibilidade de viver realmente bastante tempo (sem morrer na flor da idade) e de levar uma vida boa [...]”. Nesse sentido, Sen quer saber, se a riqueza por si só é o objetivo a ser buscado ou se ela é um instrumento, aquele caminho pelo qual se torna possível a realização de outros fins, daquilo que as pessoas realmente desejam (SEN, 2000, p. 28).

Corroborando com Sen, para Aristóteles (2014, p. 22): “[...] é evidente que não é a riqueza o bem procurado, pois é algo útil para o benefício de outra coisa”. Sen (2000) desfruta desse entendimento Aristotélico, o qual compreende que a riqueza é importante, entretanto ela não é desejável por si mesma, como um fim em si mesmo, mas por ser um instrumento, aquele meio necessário para realização de um fim, qual seja, “[...] termos mais liberdade para levar o tipo de vida que temos razão para valorizar” (SEN, 2000, p. 28).

Aristóteles (2017, p. 29) aduz que sua definição de felicidade se coaduna com o “[...] argumento de que tanto o bem viver quanto o bem fazer fazem o homem feliz, pois, em termos gerais, a felicidade é identificada com uma boa vida ou um bem agir”. Ressalta que para alcançar a felicidade os bens exteriores são importantes

O que é a felicidade? O argumento filosófico do autor é de que a felicidade é algo autônomo e absoluto. É absoluto porque é boa em si mesmo, não depende de outros fatores

para ser considerado bom e, ainda, não é procurada para alcançar outras coisas. A felicidade é, um fim em si mesma, de modo que não pode ser usada para alcançar outras coisas, por isso é absoluta e autônoma porque depende só do indivíduo, de como executa o projeto de felicidade, isto é, o sumo bem é autônomo porque é possível ser buscado por cada um sem depender de outros.

### **3 A VIRTUDE PARA ARISTÓTELES**

Para Aristóteles (2017) a virtude está relacionada com o conceito de *areté* que significa o excelente, o magnífico, o bom, ideia daquilo que seria a execução da melhor versão de si e, ainda, se relaciona com o indivíduo que quer executar a felicidade, executar a eudaimonia em sua vida. Então, é caracterizada como um bem final que é auto-suficiente e perfeito.

O argumento filosófico para definir a eudaimonia é um argumento funcional: se a felicidade é o sumo bem, significa que está relacionada com a função última do ser humano. Qual é essa função? É aquela função que o diferencia de todo resto, significa dizer que o prazer é desprezado, por ser compartilhado entre os seres humanos e os animais, então, a vida dos prazeres não pode ser a principal dos seres humanos, porque não diferencia, ele de ninguém, porque sente prazer como qualquer outro animal.

O que diferencia os seres humanos dos outros animais é a racionalidade, então, o que importa é a razão, de modo que viver a eudaimonia, quando o homem finalmente viver aquilo que ele nasceu para viver, viver uma vida racional, daí é possível dizer que o homem alcançou a eudaimonia. Em outras palavras, viver uma vida racional é o que permite viver uma vida de virtude, a partir das duas esferas da razão. A execução da razão envolve dois níveis, qual seja, parte passiva e a parte prática.

Então, na parte passiva da razão o indivíduo aprende nessa vida passional o homem absorve a natureza, os ensinamentos dos mestres e das pessoas que imita o conhecimento. Vejamos o que diz Aristóteles (2017, p. 41) trata de dois tipos de virtude, a saber: a intelectual e a moral. A primeira tem, em grande medida, sua origem e crescimento no ensino, por essa razão precisa de experiência e de tempo. Ao passo que a virtude moral advém do termo *éthos* que significa modo de ser, hábito, costume, então, ética é aquilo que obedecemos com habitualidade, faz parte do jeito de ser de cada cidadão.

Ademais, a virtude moral não advém da natureza, é resultado do aperfeiçoamento exercitado pelo hábito, isso porque as coisas que nos são dadas por natureza, recebemos e

exercitamos, entretanto a virtude decorre da atividade, fazemos seu uso com habitualidade, daí passamos a possuí-la.

Contudo, o conhecimento não é suficiente para eudaimonia, é preciso a prática das virtudes, aquela prática da excelência, de ser o excelente, de ser a melhor versão de si mesmo. Para Aristóteles (2017, p. 41-42) a virtude moral é aprendida. Então, desfrutar da virtude moral é condição *sinequanom* para uma vida feliz, quando dedicada ao exercício da virtude é, por si mesma, uma vida desejável para seres humanos, conferindo uma forma possível de ser feliz (MACDONALD, 2010).

Para MacDonald (2010), o ser humano por natureza não é em si mesma nem virtuosa, nem viciosa, mas o homem tem a capacidade de, através da prática reiterada de atos virtuosos, torna-se virtuoso e, através da prática reiterada de atos viciosos, adquire uma disposição ao vício, assim como nos tornamos desenhista desenhando.

Kant (2003) insere a questão da virtude ao domínio da aplicabilidade da lei moral pelos seres finitos ou limitados tal como o humano. Isso acontece porque a virtude, na forma como ele entende, faz parte do domínio do acolhimento do mandamento da lei pelo agente moral. Kant entende que o ser humano não tem aderência espontânea ao agir moral.

Para Kant (2003) a virtude é a força das máximas do ser humano na observância de seu dever. Toda a força pode ser revelada tão somente pelos obstáculos que ela pode superar; na virtude esses obstáculos são inclinações naturais, as quais podem entrar em conflito com o propósito moral do homem.

Kant (2003) aduz que a virtude é fruto do esforço que a atividade moral determina, de maneira que seres que aderem voluntariamente à lei da moralidade não são sujeitos de virtude, pela ausência de empenho. Portanto, para que exista virtude é necessário, conflito, desordem, dilema. Ademais, diante de um dilema, por si só não basta optar em certo sentido, mas é necessário que se faça a escolha certa dentro da moralidade kantiana qual seja, optar por aquilo que caracteriza um esforço.

Para Kant (2003), é pelo poder da razão que o ser humano deve procurar o seu autodomínio e que as inclinações e os sentimentos não têm competência para esta empreitada. É, pois, a virtude que se faz necessária, como aduz Wood (2008), especialmente na medida em que a boa conduta é difícil para todos, posto que ela consiste no impulso de que necessitamos para realizar uma tarefa complicada.

Em Kant (2003) o ser humano tem uma capacidade racional, por essa razão, tem o dever de desenvolvê-la, caso o homem se omita estará falhando consigo próprio, falhando com sua educação. Isso significa que o homem que não cultiva o conhecimento e nem a razão



estará faltando moralmente consigo mesmo, porque tem o dever de desenvolver bons sentimentos, desenvolver pensamentos elaborados, porque essa capacidade todos os homens têm em potencial, precisando desenvolver, isso é um dever do homem.

Para Kant (2003), o homem tem o dever de desenvolver essas capacidades, caso se furte não estará se distinguindo dos animais, é um mero ser sensível. O que distingue os homens dos animais é a razão, os sentimentos, de maneira que o homem tem o dever de cultivar o seu pensamento e sentimento, caso não faça estará falhando consigo próprio (falha moral). O homem tem o dever de se desenvolver como ser racional.

O conceito de felicidade em Aristóteles é objetivo porque não é uma ideia no sentido de estar feliz consigo mesmo (estou feliz alegre e satisfeito); não é nesse sentimento a eudaimonia. Mas é uma realização de projeto de vida que permite no final da vida dizer que foi a melhor versão de si mesmo, ocorre que isso não é um sentimento, mas uma prática a prática vinculada à absorção de conhecimento, sendo duas coisas, o conhecimento e a prática.

Para compreender os exemplos da obra em tela, se faz necessário apreender os conceitos. A virtude é uma disposição de caráter, depende da pessoa, por isso é voluntário, não pode ser algo involuntário. Com o tempo se torna involuntário.

O autor segue afirmando que o mesmo instrumento pode criar e destruir a virtude, eis que é pelas ações que realizamos com os indivíduos que nos faz pessoas justas ou injustas (ARISTÓTELES, 2017, 42).

Em ato contínuo, Aristóteles adverte que a virtude moral é demolida pela falta e pelo excesso, de maneira que para alcançar a virtude se faz necessário alcançar a justa medida, por meio de atitude mediana (não exceder as coisas nem faltava com as coisas).

Aristóteles (2017, p. 49) aduz que na alma existem três coisas – paixões, faculdades e disposições –, e segue dizendo que “[...] se as virtudes não são nem paixões, nem faculdades, resta que elas sejam disposições” por estar relacionado ao nosso comportamento bom ou mau relativo às paixões.

Então a virtude é à disposição de caráter, entretanto, de qual espécie ela é? Para Aristóteles o igual seria o meio termo entre o excesso e falta. O meio- termo da própria coisa é

[...] o que se desvia em igual distância de cada um dos extremos, que é único e idêntico para todos os homens; enquanto que o meio- termo para nós, o que não é nem demasiado, nem muito pequeno, e não uma coisa única nem idêntica para todo mundo (ARISTÓTELES, 2017, p. 49).

Quanto a esse meio-termo não deve ser estabelecido segundo a proporção aritmética, sua composição é disciplinada para evitar o excesso e a falta.

Nesse sentido, a virtude é uma disposição de caráter. A disposição de caráter é uma tendência, as pessoas nascem com uma tendência natural para o mal (extremos) e não para o bem (Meio-termo). Para ser um agente virtuoso o ser humano precisa quebrar essa tendência do mal, para isso terá que se controlar para não fazer o mal.

O agir humano é dirigido a um fim, o qual pode caminhar para três fins distintos, qual seja, dois extremos e o meio termo. Os dois extremos são o dois males, enquanto que o meio é o bem. A virtude é sempre a disposição de caráter que escolhe entre dois males (extremos), o meio (bem). Para Aristóteles (2017) o excesso e a falta destroem a excelência, enquanto que o meio-termo a preserva. A virtude moral é o meio termo, o foco que deve ser visado, por ser a mais exata e mais valiosa que qualquer outra arte.

Outrossim, a virtude é o objetivo que se deve alcançar, por ser o meio-termo entre dois vícios, tendo de um lado o excesso (erro) e de outro a deficiência (objeto da culpa). Então, a virtude é o meio-termo nas paixões e nos atos.

Para Aristóteles o erro manifesta, tem várias formas, eis que a regra correta só pode ser vista de uma única maneira, resultando na facilidade de errar e na dificuldade de acertar, por esse motivo o vício caracteriza o excesso e a deficiência, e o meio-termo seja a marca da virtude: “A bondade tem somente uma forma, mas o vício tem numerosas delas” (ARISTÓTELES, 2017, p. 51).

A disposição de caráter é a tendência de fazer determinada coisa. Quando o indivíduo se torna virtuoso sua tendência passa a ser o bem, significa dizer que não precisa escolher ser corajoso (virtude), por exemplo, isso porque quando se é virtuoso torna-se sua tendência natural ser corajoso, isto é, o ser virtuoso age naturalmente daquela forma, de maneira que não precisa negar nenhuma tendência, Isso só acontece com a prática e exercício que se torna um agente virtuoso (ARISTÓTELES, 2017, p. 45).

O indivíduo nasce com tendência para o vício (fazer o mal), isso não é voluntário já nasceu assim, enquanto que a virtude depende da escolha do indivíduo, por isso é voluntária. É um ato voluntário de escolha não tender ao vício, só é possível com exercício, com a prática da ação virtuosa, permite que sua escolha será natural para o bem, de modo a incorporar ao caráter. O que permite dizer que de fato é um sujeito virtuoso, porque sua tendência é para o bem. Em suma, a virtude, a disposição de caráter para o bem, se incorpora ao próprio caráter, passa a ser uma pessoa virtuosa, porque agora sua tendência é para o bem.

O objeto da virtude são os prazeres e as dores, o homem bom é aquele homem virtuoso, ao revés o homem mau é aquele homem desprovido de virtude, por agir errado. “os prazeres quanto às dores constituem o principal objeto tanto da virtude quanto da política,

pois se ela é usada bem, o homem será bom, e se usada mal, o homem será mau”. (ARISTÓTELES, 2017, p. 46). É através de exercício de prática de atos justos que o homem se torna justo.

Aristóteles (2017, p. 76) define a virtude quando diz que “[...] sendo elas tanto meios quanto disposições de caráter e que, além disso, tendem por sua natureza para a realização dos atos pelos quais são produzidas, que dependem de nós, são voluntárias e agem conforme a regra justa [...]”.

Por fim, a virtude é o ânimo de um indivíduo de realizar o bem; e não se resume a característica, por alcançar, ainda, uma verdadeira inclinação, de modo que a virtude são todos os hábitos que movem o ser humano em direção ao caminho do bem.

#### **4 AS VIRTUDES: coragem, temperança e magnificência**

A coragem é o meio-termo entre os dois extremos, a saber, o medo e a temeridade. O medo é a falta, o mal temível por serem os males, para Aristóteles (2017, p. 77-78), o homem corajoso é: “[...] aquele que permanece sem medo na presença da bela morte ou de algum perigo iminente que pode levar à morte; ora, tais são particularmente os perigos da guerra”.

Ainda sobre a coragem, ela “[...] é em si uma coisa dolorosa, e é certamente objeto de nossos elogios, porque é mais difícil suportar as dores do que se abster do que é agradável” (ARISTÓTELES, 2017, p. 84).

A temeridade é um dos extremos, aqueles que tendem ao excesso, os destemidos seriam uma espécie de loucos ou insensíveis se não tivessem medo de nada.

A covardia é o outro vício, sendo que a pessoa nasceu com tendência para covardia, significa que toda vez que a coragem for provada, o homem terá a tendência natural para atitude covarde, é a tendência do comportamento. Por qual razão, a tendência tem que ser quebrada, vencendo a tendência natural de ser covarde e agir para ter atitude para o bem, com exercício de vencimento da tendência natural, o que permite ser virtuoso.

Em síntese, a disposição natural do ser humano é fazer o que é errado. Então, a virtude se faz necessário, através do exercício prático da imitação, por exemplo, o que permite os acertos e ajustes necessários da tendência para o mal, que permita que o ser humano faça o bem. Para isso, necessário se faz a prática, a experiência, a imitação vai desenvolvendo uma virtude, que é uma virtude necessária para desenvolver outras virtudes, que é a sabedoria prática (a virtude das virtudes).

Para Aristóteles (2017) a sabedoria prática cria uma ponte entre versão passiva e a versão prática da razão, a razão funciona como absorção de conhecimento e da prática através da virtude. A sabedoria prática é uma virtude que está entre os dois caminhos da razão, permite com o tempo usar o que aprendeu e fazer a escolha certa na prática. Então, a sabedoria prática é aquela virtude que ensina com o tempo tomar as escolhas certas na situação concreta, sem a necessidade de imitar o outro, porque já tem um tempo de exercício, criando autonomia para perceber o que tem quer ser feito naquela situação.

Em outras palavras, a sabedoria prática cria esses dois elos, entre razão passiva e razão prática, e cria uma ponte daquilo que pode ser exigido de todos e o que pode ser exigido de uma determinada pessoa. O que pode ser exigido de todo mundo é o geral da coragem, e o que pode ser exigido só de uma pessoa específica, aquelas situações em que as características pessoais podem ser exigidas mais de um do que dos outros é a razão prática.

A sabedoria prática tem a capacidade de deliberar bem sobre o que é bom e mau, a virtude sobre a sabedoria prática é a virtude sobre a virtude, a qual está entre a razão passiva e razão prática, porque permite ter uma deliberação sobre o que conhece e aprendeu, estão está fora do campo da ignorância porque já aprendeu, permite deliberar dentro desse âmbito como escolher na prática o que fazer ou não.

Para Aristóteles a virtude pressupõe o poder de escolha, quando não há escolha do indivíduo ou escolha reduzida, não posso fazer a mesma análise de virtude, sobre a conduta dele, porque não está tendo a mesma disposição de escolha que o indivíduo completamente livre para fazer o bem ou mal.

A escolha esta intimamente ligada à virtude, permitindo levantar uma análise sobre o caráter de alguém. Parece que a escolha é um ato voluntário. Os atos voluntários realizados de forma espontânea, não são, necessariamente, feitos por escolhas. Então, “Após ter definido o ato voluntário e o ato involuntário, devemos em seguida tratar da escolha, pois essa noção parece estar estreitamente ligada à virtude, e permite, mais do que os atos, levantar um julgamento sobre o caráter de alguém” (ARISTÓTELES, 2017, p. 66). A virtude pressupõe escolha do indivíduo, o conceito de virtude pressupõe essa escolha.

A liberalidade é a virtude, o meio termo entre uma coisa e outra, significa que a pessoa no caso do dinheiro saberá administrá-lo, dar o dinheiro quando for necessário e vice e versa, não é mesquinho acumulando riqueza, sem propósito nenhum ou dando toda sua riqueza, ambos são os dois extremos da liberalidade.

A escolha não depende do que as pessoas pensam a seu respeito, mas depende da escolha que fazemos, em dar ou não o dinheiro, de maneira que não deu o dinheiro por

compreender que seria melhor para ele não usar droga, não importa o que ele pensa a esse respeito, portanto, as escolhas de caráter não dependem do que as pessoas pensam do teu caráter, depende do que escolhe fazer, ação e comportamento.

Para Aristóteles o que o homem honesto deseja é o bem, eis que o homem bom faz um bom julgamento de todas as coisas, de maneira que seu julgamento reflete o que elas realmente são, ademais, o homem bom vê em todas as coisas a verdade. E, ainda, segue falando que “[...] O fim, sendo assim objeto de desejo, e os meios para alcançar o fim, objetos de deliberação e de escolha, as ações que dizem respeito a esses meios serão voluntárias e feitas por escolha” (ARISTÓTELES, 2017, p. 71).

Aristóteles reforça que a disposição de caráter é adquirida pelo exercício, vejamos, “Assim, somente uma pessoa desprovida de sentido se recusa a reconhecer que é pelo exercício de tais ações particulares que se formam as disposições de caráter [...]” (ARISTÓTELES, 2017, p. 73). A disposição de caráter é uma tendência do caráter, de maneira que somente uma pessoa desprovida de conhecimento não aceitaria o fato que é pelo exercício (prática reintegrada) que se forma a disposição de caráter. É pelo exercício, isto é, pela prática reiterada. A título de exemplo, o covarde se torna corajoso, através de várias práticas de atos ao longo da vida, que lhe exigiu ser corajoso para vencer a covardia. É combatendo suas tendências naturais para o mal (os dois extremos), que vai vencer a tendência do mal e fazer o bem, é a partir do exercício.

A virtude é voluntária e muito mais do que o vício. Vício é muito menos voluntário que a virtude, significa que a virtude é uma série de atos de escolha reiterado pelo indivíduo, enquanto que o vício é muito mais involuntário do indivíduo porque já nasce com ele, a tendência para o mal é uma tendência natural do ser humano, o vício é uma tendência para o mal.

Quando o autor fala que a virtude é muito mais voluntária significa que a virtude é fruto de uma série de escolhas feitas ao longo da vida pelo indivíduo, em que precisou vencer a tendência natural para fazer o mal, e com a escolha fazer o bem. A partir dessa reiterada escolha se torna virtuoso.

Segundo Aristóteles (2017, p. 74), “[...] Assim também é para o homem injusto e o intemperante: no princípio lhe era possível não se tornar assim e é por sua própria vontade que são justos e intemperantes; e agora que eles se tornaram assim, não lhes é mais possível o ser diferentes”.

Para Aristóteles (2017), o ser humano racional tem a capacidade de ordenar seus desejos, educando o seu caráter para almejar o que é racionalmente bom. Em vista disso, sua ação será no sentido de realizar aquilo que é o melhor a ser feito, caso contrário será

censurado pela falta de exercício e cuidado. Também, são censurados, os vícios do corpo, os quais dependem do agente evitar, exceto aqueles que não dependem de nós.

Aristóteles diz que (2017, p. 75), “[...] cada um é, em um sentido geral, causa de suas próprias disposições, será assim de certo modo causa da sua concepção de bem, senão ninguém será responsável por sua má conduta [...]”.

A virtude da temperança é o meio-termo, em relação ao excesso e a falta, em relação aos prazeres. Os prazeres são os prazeres do corpo e os prazeres da alma; ocorre que a temperança está relacionada aos prazeres corporais, aqueles prazeres que “o homem possui em comum com os animais, e que por resultado parecem ter um caráter vil e bestial, e esses são os prazeres de tato e do paladar” (ARISTÓTELES, 2017, p. 87).

Para Aristóteles (2017), ser intemperante é exceder aos prazeres, por se afligir além da medida, já o homem temperante é aquele que não sofre pela ausência do prazer, se mantém em uma posição mediana, de acordo com a regra justa. O homem temperante e o princípio racional visam o bem, e o “homem temperante tem o apetite das coisas que ele deve desejar, mas da maneira que elas devem ser e no momento conveniente, o que determina o princípio racional” (ARISTÓTELES, 2017, p. 91).

A liberalidade, a qual supostamente seja um meio-termo no que se refere à riqueza. De maneira que o homem liberal recebe elogio por dar e receber riquezas, o elogio é maior por dá-las.

Ainda, sobre os extremos, temos a prodigalidade e a avareza, por serem excessos e deficiências, no dar e no obter, excesso e falta no que diz respeito às riquezas. A avareza é aquela pessoa que concentra suas ações no acúmulo de riqueza por si só, enquanto que a prodigalidade são aquelas pessoas incontinentes, que não tem controle com os gastos. Então o pródigo possui um único vício, o desejo de acabar com seus bens. Pródigo, portanto, “É o que se arruína por si mesmo, e a destruição da riqueza parece ser uma ruína de si mesmo, pois o viver depende desses bens” (ARISTÓTELES, 2017, p. 93).

O homem liberal é aquele que tem a virtude em relação ao dinheiro, por fazer o melhor uso dele. Isso porque “[...] Gastar e dar parecem ser o uso da riqueza, mas o obter e o guardar são antes de tudo uma posse [...]” (ARISTÓTELES, 2017, p. 93).

As ações nobres que visam o bem são aquelas ações virtuosas, e o liberal dá visando à nobreza da ação, pois dá o quanto e quando lhe convém. Essa postura é prazerosa, porque quando a ação é virtuosa tem um aumento de ser agradável. Ao contrário, não é liberal aquele que dá aos que não é devido, ou que não o faz por causa do belo. “[...] E é próprio do homem

liberal exceder de modo veemente no ato de dar, de modo a deixar menos para si, pois é do homem liberal não olhar para si mesmo” (ARISTÓTELES, 2017, p. 95).

Ademais, o liberal é o meio-termo, por gastar de acordo com as suas condições e com o que é preciso, já o pródigo é aquele que ultrapassa a medida certa, é o extremo, pelo excesso. Nesse sentido, vejamos:

Então, sendo a liberalidade um meio-termo entre o dar e o obter riquezas, o homem liberal dará e gastará com o que se deve e quanto for preciso, sejam coisas pequenas ou grandes, e assim prazerosamente; e também obterá de onde se deve e o quanto for preciso [...]. (ARISTÓTELES, 2017, p. 95)

A virtude da magnificência, a qual tem relação com a riqueza. Ao contrário da liberalidade, cuida apenas de algumas ações que dizem respeito ao gasto. Como o próprio nome sugere, considera aqueles gastos de alta quantia.

Os extremos da magnificência é a mesquinhez, pela deficiência, e a vulgaridade e falta de gosto, pelo excesso; essa disposição do caráter são vícios. O autor compara o magnificente com um tipo de artista, pelo seu discernimento em fazer o que convém e no gasto excessivo com bom gosto.

A honra será o bem almejado pelo homem magnificente, o que se coaduna a todas as virtudes. Buscara obter “[...] o mais nobre resultado e o mais conveniente a seu objeto, mais do que se inquietar com o preço ou com os meios mais baratos de adquiri-los [...]” (ARISTÓTELES, 2017, p. 100). Então, Aristóteles, compara o homem magnificente ao homem liberal, essa comparação reside no fato de que o homem liberal gastará o que deve e como se deve.

## **5 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A vida de virtude não é o argumento de felicidade, mas é a própria felicidade, seu argumento é no sentido de que uma pessoa virtuosa ainda assim pode ser infeliz. Uma pessoa muito virtuosa é cometida por um problema de saúde grave. O conceito de felicidade é objetivo.

Uma pessoa pode ser virtuosa quando escolhe não fazer nada na vida. A virtude é a escolha entre os dois extremos, o bem e o mal (extremo) e a mediania (meio-termo). Uma pessoa que se abstém de escolher não fará o mal, porque nunca escolheu fazer o mal, então é virtuoso, mas será que por ser virtuoso, por não ter escolhido fazer nada é feliz? Não, porque

não foi desenvolvido o conceito de felicidade objetiva. Então, a vida de virtude não pode ser considerada por si só como a felicidade.

A coragem é o meio-termo entre os dois extremos covardia (medo) e a temeridade (descuido). O ser corajoso é aquela pessoa que não é covarde, não foge aos desafios necessários, e por outro lado é uma pessoa cuidadosa, não toma decisão desmedida (descuido), tem o cuidado de fazer o que é seguro.

Então, a escolha é sempre entre dois males e um bem, o ser humano nasce com disposição natural para um dos dois extremos, de modo que nunca nasce com disposição natural para o bem, essa tendência natural precisa ser reformada. A ideia de virtude é a reforma das tendências naturais do ser humano.

Quanto a prática e a experiência, é através da reiteração que o caráter do ser humano vai sendo transformado. O indivíduo que no início da vida não é corajoso, lhe falta a virtude, então, quando o indivíduo toma uma decisão que um corajoso tomaria, naquele caso particular, mesmo assim não é um ser virtuoso, mas um simples ente contingente, apenas tomou a decisão equivalente a decisão de um corajoso.

Por si só não posso considerar um sujeito virtuoso e corajoso. Para executar a virtude exige-se uma vida inteira de prática, através da imitação do outro, vai sempre olhar o outro virtuoso, para criar autonomia. Com toda vida de prática, observação, imitação, vai desenvolvendo uma virtude, que é uma virtude necessária para desenvolver outras virtudes, que é a sabedoria prática.

A sabedoria prática é a virtude que dispensa em algum momento da vida, a imitação, um dos tópicos necessários para a virtude é a imitação, porque precisamos imitar alguém que já fez e já sabe e que é virtuoso.

A pessoa não virtuosa não tem parâmetro, por isso imita, mas a partir do momento que tem uma vivência da virtude, um exercício de virtude, e desenvolve essa virtude que é a sabedoria prática, é como se ela permitisse desenvolver todas as outras virtudes, porque permite no campo prático das virtudes escolher o que é o bem, portanto entre dois males escolher o que for certo. E, ainda, a sabedoria prática permite distinguir as escolhas certas das erradas, permite comunicar os conceitos de bom e mau, permite gerenciar o que aprendeu, gerenciar a razão passiva. Gerenciar as escolhas boas das más, exercitando a prática, quando passa da razão passiva para a razão prática.

A sabedoria prática é adquirida por experiência, imitação e maturidade. A razão prática precisa imitar até quando não precisa imitar porque já desenvolveu bem. A razão prática e prudência é a virtude sem a qual não se pode ter nenhuma outra. A sabedoria prática ou



prudência é a virtude das virtudes, por que permite exercitar as outras, por permitir saber o que é coragem no caso concreto, o que é a liberalidade no caso concreto. Permite saber qual a decisão boa ou má dentro do caso concreto, porque permite criar uma ponte entre razão passiva e a razão prática. Deliberar entre o bem e o mal e fazer as escolhas certas.

A felicidade é um bem auto-suficiente, é o fim que todo homem busca alcançar. Assim, a felicidade é um fim último e um bem supremo que todos os homens desejam.

## REFERÊNCIAS

AMADO, Madalena da Conceição. **O utilitarismo em John Stuart Mill**. 2010. Monografia apresentada à Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade São Tomás de Moçambique, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciatura, na Especialidade de Gestão de Recursos Humanos e Ética. Maputo, 2010.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. Tradução de Luciano Ferreira de Souza. 3. ed. São Paulo: Martins Claret, 2017. p. 17-152.

KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução de Paulo Quintela. Lisboa: Edições 70, 2003.

MACDONALD, Paulo Baptista Caruso. **Lei, justiça e razão prática em Aritóteles**. 2010. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

MILL, John Stuart. **Utilitarismo**. Tradução de Pedro Galvão. Portugal: Porto, 2005.

PINHEIRO, Letícia Machado. Mediania e luta: a virtude em Aristóteles e Kant. **Intuitio**. Porto Alegre, v. 3, n. 2, p. 161-176, nov. 2010.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Cap. I, II, IV e V.

WOOD, Allen W. **Kant**. Trad. Delamar Dutra. Porto Alegre: Artmed, 2008.